



Boletim do

Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

ÓRGÃO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL – SEÇÃO BRASILEIRA: PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO
22 de julho de 2014

Pelo fim do massacre em Gaza Derrotar a ofensiva sionista de Israel com a população em armas! Em nossos países, sair às ruas em defesa da autodeterminação da Palestina e pelo fim da opressão nacional, expulsando o imperialismo e expropriando as multinacionais e a burguesia nacional entreguista!

O massacre dos palestinos acontece com a anuência dos Estados Unidos, Alemanha, França e Inglaterra. Estas potências que comandam o mundo foram e são as responsáveis pela expulsão dos palestinos de parte de seu território para criar, com a força das armas, o Estado sionista de Israel. A ONU assiste de braços cruzados a chacina. Os pedidos e conselhos para que se faça uma trégua e se negocie a paz são hipócritas. O imperialismo veste a máscara do humanitarismo e do pacifismo para ocultar seu apoio à política sionista do carrasco Binyamin Netanyahu. Já passam de 600 os palestinos mortos, para 29 israelenses!

Mas não apenas as potências são responsáveis pelo banho de sangue. A ditadura de Al Sisi, no Egito, serve aos Estados Unidos e ao poder da burguesia israelense no Oriente Médio. Uma das primeiras medidas depois do golpe militar foi a de restabelecer o cerco econômico, social e militar a Gaza. Israel impôs o regime de campo de concentração aos palestinos como forma de sufocar a resistência do Hamas. O sionismo não permite que se estabeleça um Estado da Palestina.

É preciso que se aponte também a responsabilidade da Autoridade Palestina que governa a Cisjordânia pela mortandade de palestinos. Mahmoud Abbas não toma nenhuma medida de defesa militar, de levante da população e de apoio econômico a Gaza. Assiste ao massacre condenando verbalmente a ofensiva militar e implorando às potências que suspendam as mãos sanguinárias do Estado de Israel.

A classe operária mundial e todos os oprimidos do mundo devem identificar com clareza os responsáveis pela



chacina de civis, de crianças, de velhos e mulheres. São os inimigos da autodeterminação dos povos oprimidos. São os opressores nacionais! São os abutres que se fartam da exploração no mundo todo! São os capitalistas que promovem a barbárie em nome da democracia, dos direitos humanos e da paz!

Respondemos à guerra reacionária dos sionistas com a guerra revolucionária: armamento geral dos palestinos, levante das massas exploradas do Oriente Médio e campanha mundial de mobilização em cada país! Não se derrotará o Estado militarista de Israel, se as massas não forem armadas, se não se organizar a guerrilha defensiva. A população de Gaza sai às ruas em protesto carregando seus mortos, mas estão sem armas e sem organização para resistir aos invasores com seus tanques.

O Hamas, por mais que faça ações heróicas, não tem capacidade militar para enfrentar a ocupação sionista. As massas armadas, sim! O Hamas é responsável por não ar-

mar as massas, por não organizar a guerra defensiva com os métodos de luta dos explorados. O Hezbollah, do Líbano, ofereceu ajuda! É o que se informa. Que auxilie, então, no armamento da população palestina! As massas podem responder com os métodos de ação política e militar do proletariado à ocupação do território palestino e ao massacre.

A derrota do sionismo é a derrota da dominação imperialista em todo Oriente Médio. É preciso despertar entre os explorados e oprimidos a confiança na luta antiimperialista, no combate à feudal-burguesia árabe e aos seus governos. Se os soldados de Israel encontrarem em cada rua, em cada casa, em cada trincheira e em cada túnel os palestinos armados e treinados para a guerrilha, então estarão diante de uma verdadeira resistência nacional da população oprimida. Essa é a via para enfrentar o sionismo e o imperialismo.

Mais uma vez, o Estado de Israel se mostra como um enclave militar do imperialismo no Oriente Médio. O sionismo expõe seu caráter reacionário e bárbaro. Não respondeu às aspirações de milhões de judeus oprimidos, como prometia. Não criou uma pátria, mas um enclave da burguesia judia no Oriente Médio, manejado pelo capital financeiro e pela indústria militar. Não se poderia criar uma pátria de libertação dos judeus à custa do massacre dos palestinos e da brutal opressão nacional. Essa é a “pátria” dos financistas, dos monopólios e dos militaristas.

Não por acaso, a oligarquia israelense se valeu das vitórias militares na Guerra de Seis Dias e de Yom Kippur para ampliar seu território. Negou o direito dos palestinos a terem um Estado. Sitiou a Faixa de Gaza. Cercou a Cisjordânia. Lançou a colonização. E impôs um regime de guerra permanente contra o movimento palestino de resistência.

Desgraçadamente, os explorados não contam com uma direção proletária, revolucionária. Não lutam sob a estratégia da revolução socialista. Padecem do nacionalismo árabe impotente, mascarado pela religião. Ardem de ódio contra os seus opressores. Mas se encontram desarmados política e militarmente. Pode-se reivindicar do ditador Al Sisi que abra as fronteiras do Egito. Pode-se exortar os tais governos simpáticos à causa palestina que punam economicamente Israel. Pode-se pedir ao Hezbollah que venha em auxílio de Gaza. Esses gritos de nada servirão, se não se levantar a bandeira de armamento geral dos palestinos de Gaza à Cisjordânia. De nada servirá levantar a bandeira democrática original da OLP, se as massas continuarem desarmadas e divididas pela política do Fatah e Hamas. De nada adianta denunciar a limpeza étnica, se não se coloca o armamento da população como expressão da estratégia revolucionária.

Não há dúvida de que a questão palestina é parte de todo Oriente Médio e o transcende para nível mundial. Os conflitos nacionais são inúmeros em todo mundo. E todos estão condicionados ao domínio dos monopólios e pela opressão imperialista. Um exemplo que ressalta no momento é o da Ucrânia. Mas a questão palestina sintetiza a barbárie capitalista.

Desde as intervenções das potências nas duas guerras mundiais e desde que em 1947, por um ato de força a ONU,



decidiu-se dividir a Palestina, o povo dessa região vive sob intensa violência e toda sorte de arbitrariedades do poder financeiro e militar da burguesia. Não é preciso recorrer a detalhes dos acontecimentos passados, basta a existência de quase 5 milhões de palestinos que foram expatriados e que estão impedidos de voltar. Basta o campo de concentração em que se encontram os palestinos que permaneceram em Gaza e na Cisjordânia. Basta a série de invasões e de massacres.

Como se pôde chegar a esse extremo? A criação do Estado sionista respondeu a um especial interesse do imperialismo pelo Oriente Médio – o controle da imensa riqueza petrolífera. O nacionalismo árabe fracassou em conquistar a independência e em reunificar países divididos pelas fronteiras impostas pela Inglaterra, França e Estados Unidos. O pan-arabismo ficou para trás. Triunfou o domínio norte-americano. Os palestinos arcaram com parte desse peso histórico ficando marginalizados da tarefa democrático-burguesa de se constituir em Estado Nacional. Não há possibilidade de recuperar essa perda.

A tese de dois Estados criada pelas potências na ONU se mostrou falsa. A OLP renunciou à sua bandeira original de Estado único, democrático, laico e anti-racista. Significou submissão à política do imperialismo. Levou à divisão da luta pela destruição do Estado sionista. Esse processo evidenciou a impossibilidade do nacionalismo de enfrentar a opressão imperialista. Assim, a ausência do programa e da política proletária bloqueia o avanço da luta anti-imperialista. Não se pode desconhecer esse obstáculo. Está colocada pela experiência a tarefa de construir o partido revolucionário. Somente este poderá levantar a bandeira da revolução socialista que destruirá o aparato da burguesia sionista e estabelecerá uma palestina una, sem qualquer tipo de opressão – palestinos e judeus estarão sob o mesmo teto.

Defendemos o direito dos palestinos de reivindicarem seu Estado. Mas diremos que somente com o desmantelamento do Estado sionista e com a edificação de uma República Socialista é possível eliminar a opressão de classe e nacional. O objetivo estratégico da luta revolucionária é a de alcançar os Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio.

Derrotar o Estado sionista de Israel com o levante armado das massas oprimidas da palestina e do Oriente Médio!

22/julho/2014